



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

05 DE SETEMBRO
SECRETARIA DE SAÚDE
BELO HORIZONTE — MG
DISCURSO NA INAUGURAÇÃO DO
LAMINADOR DE TIRAS A QUENTE —
USIMINAS

Excelentíssimo Senhor Dr. Aureliano Chaves,
Senhor Governador do Estado de Minas Gerais,
Francelino Pereira dos Santos,
Autoridades,
Minhas Senhoras, meus Senhores,
Povo de Minas Gerais:

Vim a Minas comemorar convosco estes dias da Semana da Pátria.

Minas, onde tudo começou.

Minas dos primeiros mártires.

Minas, onde se aprende a amar a liberdade. Sonho eterno, ainda quando realidade presente.

Venho depois de haver passado por São Paulo, onde tudo se consumou. Onde as vibrações da alma brasileira atingiram o coração do jovem príncipe português.

Do lugar onde pela primeira vez brilhou no céu da pátria «o sol da liberdade em raios fúlgidos», como cantamos nestes dias.

De São Paulo para Minas, meditei sobre os imprevisíveis caminhos dos povos. O jovem Pedro do Ipiranga era neto da mesma Maria que, apenas 30 anos antes, sancionara as condenações de Tiradentes e seus companheiros.

Tais são os caprichos da História que, poucos anos depois, o mesmo príncipe sonharia reunir novamente, numa só, suas duas pátrias. A D. Pedro pareceu natural juntar o título de rei de Portugal ao imperador do Brasil.

Caprichos da História, talvez. Ou então, indício da índole dos brasileiros, que, em jovem, Pedro absorvera. Pois nós somos, como os mineiros tão bem exemplificam, pela conciliação. A mão estendida. O milagre de uma gente para quem o dia de glória é o do perdão e do esquecimento, e não o dia da ira, o dia da violência. O dia de somar, e não o de dividir. O dia de chegar e não o de partir. O de achar e não o de perder.

Para nós brasileiros, a esperança reside na idéia de reunião, de coesão. Como os mineiros sabem tão bem, pois sempre se apresentaram unidos e coesos nos grandes momentos da nossa história. Como deve continuar a ser nos dias de hoje, para o bem de Minas e do Brasil.

Quem assim não nos souber entender; quem não quiser colocar-se na perspectiva de uma sociedade em busca de paz e harmonia para construir o futuro; quem não entender as vozes da nossa tradição mais legítima, terá o repúdio com que os brasileiros sepultam aqueles empenhados em voltar para trás as páginas do livro da História.

No século passado, nesta parte do mundo, a independência com que sonhavam os brasileiros resumia-se praticamente, em sua expressão política. Especialmente

no Sul do Continente, os colonizadores satisfaziam-se com o suprimento de matérias-primas e produtos nativos, em estado natural. Precisavam de uma força de trabalho barata, e, se os imigrantes e degredados não bastassem, havia sempre outras raças para escravizar.

Nada de atividades industriais, mesmo elementares. Poucas escolas. Menos ainda, aquelas onde se ensinassem os ideais libertários que vicejavam em outras partes.

Por isso mesmo, salvo algumas exceções, como as realizações mineiras na siderurgia, no começo do século XIX, chegamos a este século atrasados em relação a muitas das técnicas e ciências que não havíamos aprendido ou experimentado.

Hoje sabemos que a independência política será vazia se não abranger, em primeiro lugar, a reafirmação da individualidade cultural dos povos.

Num mundo que se apequena, a permanência dos traços culturais é razão de sobrevivência da identidade nacional. Mantenho, por isso, que a uniformidade niveladora e despersonalizante não pode ser aceita como decorrência inevitável do progresso, do convívio internacional e do intercâmbio desejável de idéias.

Mas o conceito de independência desdobra-se, em seguida, na economia, no domínio da tecnologia e no desenvolvimento social. De nada valerão as riquezas deste mundo, se não servirem para melhorar a qualidade da vida dos povos. Os gastos suntuários, os desperdícios em inutilidades vistosas são outros tantos insultos à dignidade da espécie humana.

Tenho, por isso, que a expressão mais legítima da independência é a igualdade. Que se realiza, entre nações, pela soberania nacional e pela não-intervenção de

umas nos assuntos domésticos de outras. Igualdade, entre os homens, exige respeito à sua condição de beneficiários de todas as coisas criadas, independentemente do lugar onde tenham nascido, de sua crença, ou da cor de sua pele.

Por isso mesmo, sustento a vinculação indissolúvel e indivisível do conceito de independência das nações ao direito de todos os povos a uma participação mais justa e eqüitativa dos bens terrenos. De outra forma, estaremos violando, na terra, o destino da humanidade, naquela outra pátria comum, que o Criador nos reservou.

Naturalmente, a igualdade não assenta na indolência. Ou na contemplação passiva das oportunidades, fugazes e passageiras, como soem ser.

Os povos têm o dever de lutar por seu próprio adiantamento, na tentativa sincera de corrigir as injustiças que sempre existirão.

Olhando para tantos jovens, como vi hoje em Belo Horizonte, posso dizer que, no espaço de minha geração, os brasileiros assim têm feito. E a geração desses jovens continuará a fazê-lo.

Bem no espírito deste final de século, vamos adquirindo conhecimentos e tecnologia, para hoje e para o futuro. E prosseguiremos nesse caminho, apesar da passividade dos incrédulos e do derrotismo dos que tudo condenam, pois a nada aspiram.

Vamos aperfeiçoando nossos produtos. Estamos criando novas fontes renováveis de energia, também como penhor de independência, e em escala raramente vista.

Não só estamos fazendo a maior usina hidrelétrica e que se tem notícia, em associação com nossos vizinhos

paraguaios, mas construímos, dentro de nossas fronteiras, algumas das maiores usinas do mundo.

Mantemos e manteremos, com nossos amigos alemães, um sofisticado acordo que nos permitirá dominar a tecnologia do átomo, passaporte para a energia pacífica do século XXI.

Embora às vezes pareça que tudo nos falta, continuamos a ser grandes produtores de alimentos. Para algumas nações populosas, o Brasil é um formidável fornecedor potencial de produtos de mesa.

No plano interno, vamos realizar obras de grande significação. Dentro de quatro anos, a ferrovia do aço e a linha do centro formarão um sistema integrado capaz de transportar 95 milhões de toneladas anuais de produtos de Minas para o resto do Brasil e para o mundo.

Os investimentos na ferrovia do aço deverão chegar aos 50 bilhões de cruzeiros. As encomendas à indústria brasileira abrangem a totalidade da frota de locomotivas e vagões, além de vultosos equipamentos, sistemas e serviços outros.

Como prometi nesta mesma sala, há pouco mais de um ano, acabo de autorizar o início do quarto estágio do programa siderúrgico nacional. O primeiro laminador de tiras a quente desse programa será implantado pela Usiminas, no eixo Ipatinga-Ouro Branco. O investimento para esse fim, de 20 bilhões de cruzeiros de hoje, provirá em grande parte de recursos da própria Usiminas. Relewa notar que 85% dos equipamentos serão adquiridos à indústria nacional de bens de capital.

Além desses, vários projetos serão acionados, como os que vamos autorizar ainda hoje para obras neste Estado. Dentro das realidades orçamentárias, o Governo não vai parar. Os brasileiros podem estar certos, con-

fiantes e otimistas. Prosseguiremos, no plano econômico, a consolidação da independência política.

Mas é sobretudo no social, acima de tudo nos investimentos feitos no homem e para seu bem-estar, que verdadeiramente realizaremos a independência nacional. Por assim julgar, desejo deixar bem claro que o pensamento e a ação de meu Governo não se realizam só nas construções, nas obras e nos edifícios, nas fábricas e nas máquinas, nas usinas e nos geradores. Por mais necessários que sejam os bens materiais, precisamos não esquecer: tudo isso existe para o homem. E se não contribuir para a sua felicidade, será em perda.

Nós brasileiros desejamos o progresso. Mas não uma sociedade materialista.

Penso, portanto, que nossa independência só se completará na medida em que os investimentos na saúde do homem, na sua educação, na sua casa, no seu bem-estar, enfim, puderem expressar-se com a mesma grandiosidade das cifras referentes ao progresso visível e palpável.

Só assim realizaremos os ideais daqueles para quem a independência era o bem supremo. A aspiração deles ecoou nas margens do Ipiranga, naquela tarde de 7 de setembro de 1822. E continua reboando até hoje.

Essa aspiração enche nossos corações de sonhos ainda mais grandiosos de independência. De uma presença cada vez mais atuante do Brasil no concerto das nações.